



Vol. 22, nº 1 (2022)

DOI: 10.30681/issn22379304v22n01/2022p115-140

**DAS VIAGENS RUMO AO NOVO MUNDO À HISTÓRIA TRÁGICO
MARÍTIMA: OLHARES ACERCA DE OS LUSÍADAS, DE LUÍS
VAZ DE CAMÕES**

**FROM TRAVEL TOWARDS THE NEW WORLD TO MARITIME
TRAGIC HISTORY: LOOKS AT THE LUSÍADAS, BY LUÍS VAZ
DE CAMÕES**

Roney Jesus Ribeiro¹

Recebimento do Texto: 12/05/2022

Data de Aceite: 14/06/2022

RESUMO: Este estudo tem por objetivo tratar duas temáticas que nos parece de grande importância: as viagens rumo ao novo mundo e a história trágico-marítima, que são assuntos dentre muitos outros abordados na obra *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões. Sobre a primeira temática, versaremos sobre questões concernentes que vão desde à missão de Vasco da Gama até as consequências enfatizadas pelo Velho do Restelo. Na segunda temática consideraremos assuntos que vão desde a oposição exposta pelo Velho do Restelo relacionadas à ganância estatal, até as profecias do Adamastor. Abordaremos também a intertextualidade que o poema “Mar Português”, de Fernando Pessoa estabelece com *Os Lusíadas*. Com este artigo, tentaremos mostrar que Camões se inspira na cultura clássica para narrar a história exitosa e fracassada das navegações portuguesas.

PALAVRAS-CHAVES: Camões. Literatura Portuguesa. História de Portugal. Novo Mundo. *Os Lusíadas*.

ABSTRACT: This study aims two themes that seem to be of great importance: travel towards the new world and tragic maritime history, which are subjects among many others addressed in the work *Os Lusíadas*, by Luís Vaz de Camões. On the first theme, we will deal with issues that range from Vasco da Gama's mission to the consequences emphasized by Velho do Restelo. In the second theme, we will consider issues ranging from the opposition exposed by Velho do Restelo related to state greed, to the prophecies of Northwind. We will also address the intertextuality that the poem “Mar Português”, by Fernando Pessoa establishes with *Os Lusíadas*. With this article, we will try to show that Camões is inspired by classical culture to narrate the successful and failed history of Portuguese navigations.

KEYWORDS: Camões. Portuguese Literature. History of Portugal. New World. *Os Lusíadas*.

¹Doutorando em História Social (PPGHis/Ufes) e mestre em História da Arte (PPGA/Ufes) e, mestre em Educação (PPCE/UA). Licenciado em Letras, História e Artes Visuais. Integra os grupos de pesquisa *Crítica e Experiência Estética, Teoria e História da Arte Moderna e Contemporânea*, e *O Estrondo das imagens: na hibridez das artes e dos sentidos*, ambos vinculados aos PPGA/Ufes. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes). E-mail: roney-ribeiro@hotmail.com



Palavras Iniciais

Este artigo se dedica a estudar *Os Lusíadas*, obra de Luís Vaz de Camões, cuja publicação de sua primeira edição se deu no ano de 1572. Conforme Moisés, *Os Lusíadas* representa a faceta épica da poética camoniana. Por esse motivo, a obra em questão nos desperta interesse em explorar duas temáticas. A primeira delas é tratar das viagens do povo lusitano em busca de riquezas e a expansão do comércio marítimo rumo ao novo. A segunda temática que nos propomos desenvolver é uma reflexão acerca da história trágico-marítima que envolve as tripulações lusitanas a caminho das Índias (MOISÉS, 2008, p. 77).

No decorrer das análises realizadas em torno da poesia épica de *Os Lusíadas*, versaremos acerca de questões, tais como, a missão de Vasco da Gama rumo à Índia, a cobiça desenfreada e a avaréza por riquezas naturais, o imaginário sobre os mistérios e os perigos do mar, as críticas realizadas pelo Velho do Restelo e, sobre os encontros no Cabo da Tormenta e os conflitos com o gigante Adamastor. É possível que a epopeia camoniana se constrói de muitos conflitos, e eles são imprescindíveis para repensar a história social de Portugal na época que a referida obra foi lançada. As oposições expostas pelo Velho do Restelo, a ganância estatal por riqueza, e as profecias expressas pelo gigante Adamastor dá ao leitor uma visão da postura exercida pelos portugueses frente ao ganancioso desejo por conquistas e os seus medos em desbravar os mares pelo grande receio de serem devorados pelas monstruosas criaturas mitológicas.

Na escrita de sua poesia épica em *Os Lusíadas*, Camões se inspirou na cultura clássica greco-romana para narrar à história de Portugal. A postura adotada pelo poeta oferece ao seu leitor uma versão histórica das



navegações portuguesa, revelando que, a expansão marítima, ascensão do comércio nacional e a cobiça por riqueza para a coroa de Portugal custou a mortes de muitos tripulantes. Dentre as questões já colocadas concernente deste artigo que se constitui de um estudo comparado entre literatura, história e cultura, discorreremos acerca da intertextualidade que o poema “Mar Português”, de Fernando Pessoa estabelece com *Os Lusíadas*. Para realização do referido texto, realizaremos análises embasadas em recursos bibliográficos a partir das contribuições das teóricas, críticas e históricas da literatura a partir dos estudos de Carlos Alberto Iannone *et al.*, (1998), Ivan Texeira (2001), José António Saraiva e Oscar Lopes (2010), Márcio Luiz Moitinha Ribeiro e Daniel de Assis Soares (2017), e Massaud Moisés (2006; 2008).

As viagens rumo ao novo mundo segundo *Os Lusíadas*

Como já dito na apresentação deste texto, tomamos *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões como *corpus* para elaboração de nossos estudo. Nele, analisaremos as viagens rumo ao novo mundo e a história trágico-marítima, que são assuntos dentre muitos outros abordados na obra de Camões. Obra essa que descortina a história de Portugal e a expansão das navegações marítimas. Nas palavras de Moisés (2006), *Os Lusíadas* além de tratar das trocas de mercadorias como estratégia comercial exercida por Portugal em contato com outros países, traça uma performática história em celebração a viagem de Vasco da Gama, quem é designado a realizar acordos comerciais com o oriente. A escolha de quem lideraria a nau a qual iria levar a tripulação para viagem histórica até as Índias partiu de D. Manuel I (1469-1521), o Venturoso, assim como era comumente chamado. Conforme atesta



Teixeira, é “D. Manuel (1469-1521), que incumbe Vasco da Gama do desbravamento dos oceanos e do estabelecimento de um novo contato entre o Ocidente e o Oriente” (TEXEIRA, 2001, p. 52).

Cabe esclarecer que, D. Manuel tornou-se o quinto rei da dinastia de Avis e foi o décimo quarto rei de Portugal sucedendo D. João II, que depois da morte de seu filho D. Afonso, nomeia-o como seu sucesso. O que facilitou sua nomeação foi o fato de D. Manuel ser irmão da rainha, D. Leonor de Lencastre, esposa de D. João II. O reinado de D. Manuel em Portugal e Algarves em um período que vai de 1495 até 1521. Momento marcado por grandes navegações, o que contribuiu significativamente para muitas descobertas com a chegada ao Brasil assim como na Índia. Analisamos que, “o poema tem como núcleo narrativo a viagem empreendida por Vasco da Gama a fim de estabelecer contacto marítimo com a Índias (a frota portuguesa levantou âncora a 8 de julho de 1497, e arribou a Calicut, a fim da viagem, a 24 de maio de 1498)” (MOISES, 2008, p. 77). Os fatos da cultura portuguesa tratados na obra são narrados sob o véis histórico e literário. Essas características marcam os aspectos comerciais presentes na epopeia. Em sua totalidade, *Os Lusíadas*,

Contém 10 cantos, 1102 estrofes ou estâncias e, portanto, 8816 versos; as estâncias estão organizadas em oitava-rima (compõem-se de oito versos com o seguinte esquema rímico: abababcc); os versos são decassílabos heróicos (com cesura na 2ª sílaba, ou na 3ª, ou 4ª, na 6ª e na 10ª) (MOISÉS, 2008, p. 77).

No decorrer dos fatos que descrevem a viagem ultramarina, muitas coisas ocorrem colocando toda a tripulação sob grandes riscos. De acordo com Ribeiro e Soares (2017, p. 2), uma das passagens que conferem maior expressão às transações comerciais é observada na descrição de Camões



retratando o retorno de Vasco da Gama a Portugal, depois de ele concretizar um bem-sucedido acordo comercial com Samorim em Calicute. Essa era uma das mais importantes cidades da costa ocidental da Índia, onde aconteciam as principais comercializações. Por isso, o acordo representou uma grande conquista para Vasco da Gama.

Em alguns trechos de *Os Lusíadas*, percebemos que em função de muitas divergências e falta de sintonia nas opiniões dos residentes de Calicute, Vasco da Gama acaba não obtendo os êxitos esperados em sua tentativa de firmar um tratado entre os países. Ainda assim, Camões descreve que a viagem foi significativa porque os navios retornaram a Portugal lotado de especiarias nativas. Além disso, Vasco da Gama voltou para seu país trazendo informações importantes que davam crédito aos portugueses de planejarem novas viagens ao Oriente com a finalidade de conquistar a Índia. No trecho que segue Camões explica que,

Parte-se costa abaxo, porque entende
Que em vão co' o Rei gentio trabalhava
Em querer dele paz, a qual pretende
Por firmar o comércio que tratava;
Mas como aquela terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava,
Com estas novas torna à pátria cara,
Certos sinais levando do que achara.

Leva alguns Malabares, que tomou
Per força, dos que o Samorim mandara
Quando os presos feitores lhe tornou;
Leva pimenta ardente, que comprara;
A seca flor de Banda não ficou;
A noz e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, co' a canela
Com que Ceilão é rica, ilustre e bela
(CAMÕES, 2012, p. 224-225).



O trecho não se limita estritamente aos fins que levaram a realização da viagem rumo ao novo mundo. Entretanto, Camões faz questão de dedicar dois longos cantos dando ênfase aos objetivos alcançados com a realização da viagem. Atribuir dois cantos enfatizando amplificando os feitos e as finalidades que levaram as naus portuguesas seguir viagem até as Índias é uma forma de celebrar que, seus objetivos de certa forma, concretizados. Os cantos não incluem uma aprofundada descrição das lutas ou guerra travadas pela tripulação lusitana, e nem mesmo derramamento de sangue. Nessa descrição, o poeta dá prioridade às questões que enfocam os acordos que, poderiam ser estabelecidos entre Portugal e a Índia. Vale ressaltar ainda que, “os cantos sétimo e oitavo não registraram batalhas sanguinolentas, nem profissões de fé; são dedicados, sim, a uma descrição das dificuldades enfrentadas pelos portugueses, nas delicadas negociações para o estabelecimento de relações comerciais com a Índia”. (IANNONE *et al.*, 1998, p. 256). Ainda que a ideia da viagem fique clara, a descrição que Camões realiza no sétimo canto deixa mais evidente os objetivos da ida até a Índia, já que, nele o poeta enfatiza a proposta e os reais interesses de Portugal em formar um acordo comercial que trouxesse um retorno lucrativo para ambos os países.

E se queres, com pactos e lianças
De paz e de amizade, sacra e nua,
Comércio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua e tua,
Por que creçam as rendas e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos Reinos, será certamente
De ti proveito, e dele glória ingente.

E sendo assi que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará pronto a toda adversidade
Que por guerra a teu Reino se ofereça,



Vol. 22, nº 1 (2022)

Com gente, armas e naus, de qualidade
Que por irmão te tenha e te conheça;
E da vontade em ti sobr'isto posta
Me dês a mi certíssima resposta.
(CAMÕES, 2012, p. 192).

Analizamos que, além de colocar em contexto os objetivos da viagem à Índia, Camões também explicita, ou melhor, traça no poema uma espécie de síntese de acompanhamento do percurso dando destaque, sobretudo aos passos, que a tripulação portuguesa cumpriu no projeto de expansão marítima, comercial e civilizatória. Como relatam Ribeiro e Soares (2017), na memória e pensamento europeu, os acordos firmados entre Portugal e a Índia, contribuiriam para a expansão do comércio e na troca de mercadorias entre esses países. Para os autores, a união entre os referidos países trariam contribuições para enriquecê-los mais e ainda serviria como elemento de civilização dos povos. A narrativa expressa no canto sétimo, de *Os Lusíadas* se estende à chegada das tripulações portuguesas em terras estrangeiras. Vasco da Gama não contendo a satisfação de ter chegado à Índia, o tão esperado destino das naus portuguesas, ele passa a falar das maravilhas e riquezas no encontro com o novo mundo:

Já se viam chegados junto à terra
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Indicas se encerra
E o Ganges, que no Céu terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora:
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante!
(CAMÕES, 2012, p. 178).



A religiosidade se faz presente *Os Lusíadas*, e por isso, no decorrer da leitura do no poema épico é possível observar que, os comentários religiosos são recorrentes nele. Mas a religiosidade fica em segundo plano nesse contexto, uma vez que, antes de expressar a fé, o narrador narra de forma cobiçada às maravilhas e as riquezas encontradas na Índia. Embora a fé seja um elemento de grande importância no imaginário europeu, ela só entra em contexto após as referências e suas cobiças. Ao que podemos observar o que moveu Vasco da Gama foi à ganância e a busca incessante pelas riquezas que seriam facilmente encontradas na Índia. Por tudo que foi dito, analisamos que, normalmente na história a qual se insere o imaginário europeu, as conquistas ou luta por poder, o discurso de fé vem antes de qualquer coisa, no intuito de camuflar a luxúria e a ganância. Em *Os Lusíadas*, o narrador faz o contrário. Em nenhum momento ele desmerece a fé, mas a sensação de deslumbramento diante de tanta riqueza vem antes de qualquer outra impressão (RIBEIRO; SOARES, 2017, p. 3).

Conforme Moisés (2006), em 1572, período em que a obra *Os Lusíadas* foi escrita, grande parte da Europa estava mergulhada em uma grande crise religiosa. Por esse motivo, em sua epopeia *Camões* trata das questões concernentes às relações que envolviam interesses econômicos, as riquezas do país e as mercadorias que Portugal poderia trocar, e, além disso, usa a religião como elemento de luta contra a luxúria e a cobiça. Nas reflexões de Iannone, no pensar camoniano, os vícios eram prejudiciais e traziam consequências negativas à sociedade. A cobiça, por exemplo, deveria ser vista como uma característica do homem, que precisa ser “[...] canalizada contra o inimigo comum dos cristãos, os mulçumanos” (IANNONE *et al.*, 1998, 8 p. 259). Mergulhada em problemas religiosos e econômicos, a coroa portuguesa se viu em uma das piores crises do período.



A crise religiosa por sua vez, rendeu grandes prejuízos ao clero. Como coloca o narrador da obra, o saldo dessas crises religiosas foi maior do que se esperava. Com isso, houve um forte abalo que causou uma ruptura moral no clero, e em consequência disso, muitas divisões religiões. As críticas tecidas por Camões em *Os Lusíadas* são relacionadas a alguns nomes que tiveram papel central para o Estado Português e na Igreja, entre ele, o de Lutero, Henrique VIII, Francisco I. Vejamos a seguir as acusações e críticas atribuídas a tais pessoas:

Vede'los Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apacenta;
Do sucessor de Pedro rebelado,
Novo pastor e nova seita inventa;
Vede'lo em feias guerras ocupado,
Que inda co cego error se não contenta,
Não contra o superbíssimo Otomano,
Mas por sair do jugo soberano.

Vede'lo duro Inglês, que se nomeia
Rei da velha e santíssima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhoreia
(Quem viu honra tão longe da verdade?),
Entre as Boreais neves se recreia,
Nova maneira faz de Cristandade:
Pera os de Cristo tem a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua.

Guarda-lhe, por entanto, um falso Rei
A cidade Hierosólíma terrestre,
Enquanto ele não guarda a santa Lei
Da cidade Hierosólíma celeste.
Pois de ti, Galo indino, que direi?
Que o nome «Cristianíssimo» quiseste,
Não pera defendê-lo nem guardá-lo,
Mas pera ser contra ele e derribá-lo!
(CAMÕES, 2012, p. 178-179).

Embasados na leitura do trecho citado, Saraiva e Lopes, interpretam que a advertência aos estados cristãos é claramente percebida. Para os



autores, com relação aos Alemães, a epopeia camonianiana à caracterização de “soberbo gado”, sob a acusação de eles erroneamente ter se rebelado contra o “sucessor de Pedro”. Ao “duro Inglês” se é questionado a “nova maneira faz da Cristandade”, e ao “Galo indigno” a forte crítica se pauta na desonra ao título de “cristianismo” como forma de conspiração e ataque ao papado, e a Itália é acusada de estar “submersa em vícios mil” (SARAIVA; LOPES, 2010, p. 333). Como discutido, neste período a Igreja usava o discurso religioso do pecado sobre todas as coisas como forma de controlar a sociedade e o comportamento das pessoas. Entretanto, por um descuido a religião falhou, e não se atentou ao problema social que estava por vir. Com isso, a Igreja perdeu o controle que tinha sobre a vida das pessoas, o que acarretou uma crise social e religiosa ainda pior. Segundo Iannone et al., “mergulhados na ociosidade, nos vícios e obcecados com as riquezas materiais, os padres da Igreja não conseguem mais unificar os cristãos”. As autoras, ainda reiteram que “[...] a religião não é mais um elemento unificador da Europa diferentemente do período feudal em que a religião “[...] era o ponto de união entre os homens [...] e garantia a estrutura hierárquica daquela sociedade [...]” (IANNONE *et al.*, *Ibid*, p. 260).

Asseveram Ribeiro e Soares (2017), que o descuido da Igreja faz com que a religião deixasse de ser o elemento principal de controle social. Ao escrever sua obra-prima, Camões aponta que, a luxúria e a cobiça contribuíram para a união do povo europeu. O narrador explica que, por meio da cobiça, os europeus poderiam se juntar aos povos turcos, os quais detinham da posse da riqueza. A crítica do narrador se pauta em afirmar que, a religião não tendo mais a capacidade de unir os povos europeus, restava ao comércio e a riqueza tal possibilidade. A crítica que Camões tece



à religião e o apontamento da cobiça que motivará o comércio na união entre os europeus é facilmente percebida no trecho que segue:

Ó míseros Cristãos, pola ventura
Sois os dentes, de Cadmo desparzidos,
Que uns aos outros se dão à morte dura,
Sendo todos de um ventre produzidos?
Não vedes a divina Sepultura
Possuída de Cães, que, sempre unidos,
Vos vêm tomar a vossa antiga terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

Vedes que têm por uso e por decreto,
Do qual são tão inteiros observantes,
Ajuntarem o exército inquieto
Contra os povos que são de Cristo amantes;
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De samear cizânias repugnantes.
Olhai se estais seguros de perigos,
Que eles, e vós, sois vossos inimigos.

Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheias,
Não vedes que Pactolo e Hermo rios
Ambos volvem auríferas areias?
Em Lídia, Assíria, lavram de ouro os fios;
África esconde em si luzentes veias;
Mova-vos já, sequer, riqueza tanta,
Pois mover-vos não pode a Casa Santa.
(CAMÕES, 2012, p. 180)

A expansão marítima se deu de forma significativa para os portugueses com o desenvolvimento mercantil. Tanto o desenvolvimento mercantil quanto a expansão marítima, são construtos lusitanos consolidados com base na desmedida ganância e na cobiça da coroa portuguesa. Ao se depararem com as várias riquezas (fauna, flora e mineral) encontradas na Índia, os tripulantes das naus portuguesas maravilhados não puderam conter sua cobiça. O desejo por riqueza serviu como motivação para as negociações e acordos. Neste contexto a cobiça é o fator de



preponderância sob o comércio e será o elo que unirá os europeus ainda que isso ocorra com foco nos interesses lucrativos. Como observa Iannone,

Ao conceber a cobiça e a expansão mercantil, como agentes civilizadores e divulgadores da Fé católica, Camões distancia-se de muitos de seus contemporâneos. Essa diferença aparece também no entusiasmo com que descreve a riqueza da Índia e o luxo com que o capitão português se veste para encontrar embaixadores e reis tão luxuosamente paramentados quanto ele. Para Camões, cobiça, viagens, império, luxo, troca são elementos integrantes de um mesmo fato: a expansão comercial (IANNONE *et al.*, 1998, p. 261).

Do ponto de vista histórico, cultural e social, observaram Ribeiro e Soares (2017), que o ideal e o imaginário europeu, comungam com a ideia de que, para unir os povos e ao mesmo tempo civilizá-lo era preciso convencer o outro com um discurso pomposo e consistente. Tudo isso estava atrelado aos interesses de conquistas e à cobiça nas riquezas da Índia. O desenrolar dos fatos narrados Os Luzíadas, mostram que, Camões “acreditava no discurso dominante na época: para ele, a história portuguesa tinha uma missão civilizadora a cumprir no mundo, impondo aos quatro cantos sua religião e a sua doutrina política” (TEIXEIRA, 2001, p. 30). Sendo assim, a epopeia camoniana é atravessada por alguns aspectos comuns, entre eles, a crítica a religião, a cobiça, os interesses de conquistas, a expansão marítima, o mercantilismo, entre outros. Entre os temas abordados em seu poema, Camões dá grande ênfase à religião e a expansão mercantilista que movimentará o comércio. No trecho a seguir, a presença da religião e fator marcante:

Deus, por certo, vos traz, porque pretende
Algum serviço seu por vós obrado;
Por isso só vos guia e vos defende
Dos imigos, do mar, do vento irado.



Vol. 22, nº 1 (2022)

Sabei que estais na Índia, onde se estende
Diverso povo, rico e prosperado
De ouro luzente e fina pedraria
Cheiro suave, ardente especiaria.
(CAMÕES, 2012, p. 180).

Ribeiro e Soares (2017), nos mostra que há no discurso de Camões, certa harmonia entre as ações da profissão de fé e as ações dos homens rumo à Índia. Para o poeta, os homens rogam a Deus pedindo a oportunidade de chegar ao destino almejado e ter a sorte de conseguir formar os preciosos acordos comerciais para alcançar as riquezas que buscam do Oriente. Este discurso expõe a avareza, a ganância e a cobiça dos portugueses, já que, eles usam o nome de Deus e a fé como pretexto para alcançarem seu destino e os bens materiais. Acerca da questão inerente a harmonia que paira sobre o serviço dos homens e o Deus, observamos que, para o narrador nada se constrói por meio da unidade, e sim a partir de luta em conjunto. Quem explica melhor as questões relacionadas às concepções de viagem de Vasco da Gama, os jogos de interesses e a perspectiva globalizante, é Iannone ao dizer que,

A concepção histórica da viagem que Vasco da Gama tem da viagem e, portanto, do comércio é de que a história não se faz pela vontade individual, mas é resultado de lutas entre classes e interesses distintos. Ele trata dessa luta pela expansão do comércio como uma luta entre interesses distintos. Realmente ele não descreve trocas, não coloca no centro da epopeia os comerciantes individuais, mas de uma perspectiva mais globalizante, representa essa luta por um acontecimento nacional, sem deixar, todavia, de abordar as diversas divergências internas (IANNONE *et al.*, 1998, p. 262).

Neste contexto, Vasco da Gama recebe o título de personagem central. Aquele que representa fielmente a cobiça portuguesa e o conflito entre os seres humanos. Vale ainda ressaltar que, os personagens do poema



são provenientes de origem, classes sociais, cultura e civilizações distintas, mas, neste contexto eles se igualam pela posição de conflito e jogos de interesses. Via-se nas naus, de criminosos a homens de prestígio social. Naquele contexto todos eram iguais, já que havia interesses na conquistas de bens que lhe possibilitassem uma vida melhor e a restauração da Coroa portuguesa. Conclui Iannone que, “no século XVI, o comércio com os povos orientais, através de novas rotas apresenta-se, como uma nova possibilidade de vida e, como tal, é uma atividade que implica um conflito com interesses ligados a formas anteriores de existência” (IANNONE *et al.*, 1998, p. 262).

As finalidades da viagem marítima de Vasco da Gama: a cobiça, a ganância e o poder

A leitura de *Os Lusíadas* é seminal para que possamos compreender a histórias do comércio marítimo português e as intencionalidades que motivaram muitas viagens perigosas, cheia de desventuras e que reservava fatos desconhecidos pelos lusitanos. No caso específico da viagem às Índias, ao escrever sua epopeia Camões já tinha total consciência das reais finalidades que motivaram a viagem rumo ao chamado mundo novo. O interesse por mais riquezas para a cora portuguesa foi um fator que despertou cobiça ao rei que designou Vasco da Gama a essa longa viagem. Apesar de essa viagem ter sido crucial para motivar a expansão marítima, ela contribuiu para muitos outros pontos negativos, entre eles os conflitos que resultará em uma guerra de interesses e poderes. Ribeiro e Soares explicam que, já não se percebiam benefícios gerais para todos. Isso porque a luxúria e o ego tomaram conta de algumas instâncias, gerando dessa



forma, uma cisão e automaticamente um conflito entre os interesses do mercantilismo e da nação (RIBEIRO; SOARES, 2017).

A partir da análise de *Os Lusíadas*, Moisés (2006), relata que, o discurso expresso pelo Velho Restelo denuncia uma opinião extremamente negativa frente à cobiça portuguesa. A cobiça foi um dos maiores percalços da execução do projeto de expansão marítima que se concretizaria com a viagem à Índia. Entretanto, a viagem como um instrumento de interesses políticos e comerciais gerou alguns conflitos que, aconteceria sob quaisquer circunstâncias. Nos intentado mais para algumas características da obra em estudo, observamos que as questões concernentes ao jogo de interesses, conflitos e cobiça são tratadas por quase toda a obra. Dada a profundidade histórica, literária e política de *Os Lusíadas*, a obra passa a ser vista como um instrumento de grande expressão na cultura e na literatura mundial é também um registro histórico, que trata da forma como os monarquistas lidavam com o comércio, a expansão marítima e às viagens intencionadas a conquista de mais territórios e riquezas.

Conforme Ribeiro e Soares (2017, p. 7), “esta foi uma das formas adotadas por Luís Vaz de Camões para fazer o registro épico dos interesses tradicionais, sendo deixados para segundo plano em função do tratamento prioritário que a monarquia portuguesa dava ao comércio marítimo e às viagens”. Seja como texto literário ou como registro histórico e ainda como relato da cultura portuguesa, a obra em questão exalta “uma expansão que, na sua fase decisiva, foi conduzida em moldes monárquicos a favor, então da classe dominante, e não pela ocorrência capitalista privada [...]” (SARAIVA; LOPES, 2010, p. 336).

Em retorno às discussões concernentes as opiniões negativas, observamos que “no episódio do Velho do Restelo, que integra a partida das



naus de Vasco da Gama para a Índia, destacam-se estrofes reflexivas sobre a ambição do homem pelo progresso material e clara censura das navegações, como projeto nacional português” (TEXEIRA, 2001, p. 36). Como observa a visão do Velho Restelo traduz a ganância e a cobiça do homem pelo poder e por riqueza. Nas reflexões realizadas por Ribeiro e Soares (2017, p. 7), esses comportamentos cegam, escravizam e destroem o espírito do homem. Mas o desejo de driblar a pobreza ou livrar-se da condenação de crime e acusações por parte Coroa, a tomada de ostura acabam servindo de “motivo que faz com que os homens procurem terras longínquas, com o favorecimento do Estado Português destruindo o equilíbrio social”. Ponto como esse é observado com clareza na declaração realizada no trecho relacionado ao Velho Restelo,

Dura inquietação d'alma e da vida
Fonte de desemparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinas e de impérios!
hamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo dina de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana!
«A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos e de minas
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?
(CAMÕES, 2012, p. 128-129).

A crítica realizada pelo Velho Restelo gera uma instabilidade em Portugal, e esse será o motivo que tornará as riquezas lusitanas acessíveis se o foco estiver em investir na expansão das atividades comerciais em terra, e, sobretudo as ultramarinas. O crescimento do comércio se tornou uma grande



aposta da Coroa portuguesa. Ela sabia que o comércio é um importante de movimentação e crescimento do capital. De acordo com Iannone (1998), “é provável que, no contexto de luta que Camões representa, a fala do Velho do Restelo apareça como um meio de mostrar que não houve unanimidade quanto à realização das conquistas”. Para a autora, “isto só faz valorizar ainda mais aqueles homens que, negando toda uma tradição portuguesa, a tradição camponesa, aventuram-se no mar, sofrem naufrágios, privações, mortes violentas e retornam vitoriosos” (IANNONE *et al.*, 1998, p. 263).

No decorrer da obra, também é possível observar os posicionamentos do poeta narrador e a partir das observações muito pontuais que realiza sobre a chegada dos portugueses às Índias. Em oposição às críticas realizadas pelo Velho Restelo, o narrador realiza observações positivas. Diferente da franqueza ou do pessimismo apresentado pelo Velho Restelo, o narrador consegue ver pontos positivos acerca dos resultados da conquista da Índia. Para o narrador camoniano muitos dos acontecimentos no decorrer da viagem e depois que chegaram à Índia tem seu lado positivo:

Por meio destes hórridos perigos,
Destes trabalhos graves e temores,
Alcançam os que são de fama amigos
As honras imortais e graus maiores;
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores;
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animais de Moscóvia zibelinos;
Não cos manjares novos e esquisitos,
Não cos passeios moles e ouciosos,
Não cos vários deleites e infinitos,
Que afeminam os peitos generosos;
Não cos nunca vencidos apetitos,
Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não sofre a nenhum que o passo mude
Pera algũa obra heroica de virtude.



Parafraseando Camões, Iannone (1998), diz que atingir o *status* de fazer parte da nobreza é prenda que se conquista com a dedicação de uma vida inteira e também com muito trabalho. Por isso, o título não se limita apenas aos privilégios conquistados por alguns ao nascer em família bem abastada ou com direito especial garantido. Claro que não época as duas possibilidades existiam. Mas o crédito atribuído com a dedicação e o trabalho, acabava sendo uma moeda de troca para que a Coroa conseguisse dos gananciosos maior empenho e um trabalho primoroso. Mas Camões não vê isso com bons olhos e tece severas acusações a nobreza da antiguidade de deixar um legado cujas funções originais se limitavam a uma forma de vida respaldada no exagero, desperdício e luxo.

A expansão marítima e as histórias trágico-marítimas

O advento da expansão marítima ocorrida entre os séculos XV e XVI trouxe um grande esplendor que o povo lusitano tanto desejava, mas não acreditava que seria tão certo. Esse esplendor foi construído sob um saldo grande de homens separado de seus familiares e mortos nas viagens marítimas. Só se tinha uma única certeza, a de que sairia vivo. Voltar era sempre uma sorte. Mas, por outro lado, a expansão trouxe muitos ganhos significativos para a Coroa portuguesa. Vale acrescentar que, esse período marcou o momento em que Portugal obteve os maiores ganhos e lucros de sua história a partir da invenção do comércio marítimo. Mesmo havendo muitas histórias e mitos de monstruosas criatura seculares que assombravam o mar, inúmeros homens movidos pela cobiça e pela avareza começaram a conter seus medos e passaram a se aventurar em viagens marítimas. Seus



objetivos de riquezas sempre superavam seus maiores medo. As conquistas pelo capital e pela riqueza estavam a frente de qualquer assombração em alto mar. Conforme explicitam Ribeiro e Soares,

Varões bravos e valentes, cuja missão era estar a serviço da Fé (Igreja) e da coroa portuguesa (Estado), deixaram sua marca, na história, sendo partes deveras relevantes de um empreendimento do qual o escopo maior era uma procura incessante de tesouros, de riquezas com o fim de enriquecimento da monarquia. Contudo, o desenvolvimento econômico do Estado português também teve seu preço: vários homens perderam suas vidas, e muitos navios também se perderam (RIBEIRO; SOARES, 2017, p. 9).

Como é possível observar, muitas vezes Camões diz que, o povo usava incessantemente o nome Deus sob o pretexto de professarem sua fé. Tão logo fica claro que, o clamor a Deus se dava para terem condições de chegar sãos e salvos nas empreitadas ultramarinas. Essas viagens eram motivadas única e exclusivamente pela busca por tesouros para tornar a Coroa portuguesa ainda mais rica e poderosa. O senso de nacionalismo entre os homens era tão intenso que, salvar a Coroa do declínio representava o mesmo que salvar as suas próprias vidas da condenação que Deus pudesse atirar sobre a terra ou nas naus quando elas estivessem em alto mar. Mesmo que as viagens e as conquistas tenham custado à vida de muitos viajantes trabalhadores, o comércio ultramarino se tornou neste período um dos principais meios de lucro para Portugal. De acordo com Ribeiro e Soares (2017, p. 9), muitos sujeitos cujo nome a história injustiça por não os lembrar, se lançaram em mar e busca de conquistas para sua pátria. Alguns homens nem tinham o direito de pensar nos perigos, contratemplos ou transtornos aos quais poderiam ser acometidos. De acordo com Camões,



Vol. 22, nº 1 (2022)

Dura inquietação d'alma e da vida
[...] Nomes com quem se o povo néscio engana!
A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas[...]
(CAMÕES, 2012, p. 128-129).

Fernando Pessoa, um dos melhores poetas portugueses era um leitor voraz e admirador das obras de Camões. Fernando Pessoa, assim como Camões, publicou muitas obras que até hoje estão entre as mais lidas no mundo todo, inclusive no Brasil. Dentre as obras que Pessoa publicou, há uma delas em que o poeta realiza um expressivo diálogo com *Os Lusíadas*, de Camões. O livro intitulado *Mensagem* (1994), de Fernando Pessoa traz um poema chamado “Mar Português”, no qual o poeta realizou uma intertextualidade com a obra camoniana. Ressaltamos ainda que, apesar de os poemas terem sido escrito com aproximadamente 400 anos de diferença, ambos os textos poéticos narram a viagem de Vasco da Gama rumo ao mundo novo, no caso, as Índias. As obras em questão enaltecem o gesto de bravura dos tripulantes que embarcaram na naus portuguesa e saíram de seu país em busca de riquezas.

Além do ano da publicação de sua publicação, há muitas distinções entre *Os Lusíadas* e “Mar Português”. A principal delas está no fato de que em *Os Lusíadas*, Camões narrar os fatos reais da viagem da tripulação portuguesa liderada por Vasco da Gama. Embora Camões busque inspiração na mitologia Greco-romana, os fatos narrados em sua obra são fieis a história de Portugal. Em *Mar Português*, Fernando Pessoa faz uma alegoria acerca do fato ocorrido. O discurso de Fernando Pessoa em seu poema mantém grande sintonia ao expresso pelo Velho Restelo. Em *Mar Português* o eu lírico declara que,



Vol. 22, nº 1 (2022)

MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.
(PESSOA, 1994, p. 16).

No poema pessoano é possível observar um expressivo senso de tristeza por aqueles que sacrificaram sua vida para garantir a satisfação da ganância, cobiça e avareza da Coroa portuguesa. O eu lírico lamenta com grande tristeza a dor das vidas ceifadas em alto mar. Segundo Ribeiro e Soares (2017), Pessoa também relaciona a quantidade de sal do mar com as lágrimas derramadas pelos portugueses que perderam familiares nas viagens em busca de riqueza. A metáfora de Pessoa busca mostrar grande quantidade de mortos nas viagens lusitana em busca de riquezas. Além disso, tenta mostrar também que, a dor de quem perde um ente querido é tão grande quanto à quantidade de salina das águas do mar. Entre muitas lamentações, de repente, o eu lírico pessoano oscila de estado emocional dizendo que: “Valeu à pena? Tudo vale a pena/ Se a alma não é pequena” (*Idem, ibidem*, pp. 16). A mudança repentina representa os anseios do povo português do século XV e XVI. Para os portugueses, todo risco seria válido, já que a chegada ao destino poderia trazer benefícios materiais ao seu país. No imaginário do povo português, todo risco é válido, já que, o saldo da conquista superaria qualquer perda humana. Em resumo, o mais importante



para a coroa portuguesa naquela época era promover a expansão marítima e consolidar um bom comércio marítimo.

Em uma tentativa de realização de uma intertextualidade mais afinada a epopeia camoniana, Pessoa diz: “Quem quer passar além do Bojador/ Tem que passar além da dor” (PESSOA, 1994, p. 16). Tais versos nos remetem ao canto V de *Os Lusíadas*, trecho onde Camões fala dos perigos e aventuras dos portugueses em um mar repleto de escuridão e monstros sanguinários. Acerca da representatividade da figura do Bojador na poética camoniana, Ribeiro e Soares, explicam que ele “é representado, alegoricamente, [...] pelo personagem “gigante Adamastor”. Tanto o gigante na obra de Luís Vaz de Camões, quanto o Bojador, no poema de Fernando Pessoa servem de barreira, obstáculo, para os que procuram atingir seus objetivos” (RIBEIRO; SOARES, 2017, p. 9-10).

Como narra à obra de Camões, nem todos deram a sorte de ultrapassar todos os obstáculos da viagem são e salvos. Mas de acordo com o eu lírico pessoano, “Tem que passar além da dor” (PESSOA, 1994, p. 16), ou seja, os que conseguiram além de saborear a conquista deveriam esquecer os infortúnios sofridos. A dor e as perdas sofridas no decorrer da viagem deveriam ficar junto com o passado. O trecho do poema também trata do ato de força e bravura na figura do Bojador. Ultrapassar os perigos e entraves representados na figura mitológica do gigante Adamastor da epopeia camoniana era quase impossível. Muitos não tentaram por medo, outros tentaram, porém não conseguiram. Sendo assim, a investida bem-sucedida do Bojador é expressa como ato de bravura. O gigante Adamastor representar a dor, a morte e o sofrimento. Conforme Ribeiro e Soares (2017, p. 10), “o gigante profetiza, à morte, o primeiro vice-rei da Índia, assassinado pelos aborígenes, ao norte do Cabo das Tormentas, no momento



Vol. 22, nº 1 (2022)

que depunha os troféus obtidos no conflito de Dio”. Camões chama para a ideia de morte e destruição.

E do primeiro ilustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os céus,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juízos incógnitos de Deus.
Aqui porá da turca armada dura
Os soberbos e prósperos troféus;
Comigo de seus danos o ameaça
A destruída Quíloa com Mombaça
(CAMÕES, 2012, p. 141).

De acordo com Moisés (2006, p. 105), “o episódio do Adamastor contém a mitificação das dificuldades que a Natureza opunha à penetração lusa “por mares nunca dantes navegados” e do seu malogro ante a impavidez dos nautas quatrocentistas”. No imaginário lusitano, as ações da natureza se manifestavam por ações de seres místicos que habitava os mares. Motivo pelo qual os portugueses demoraram a lançar suas naus no mar. A fúria indomável do gigante Adamastor é representada pelo naufrágio sofrido pela família do fidalgo e militar Manuel de Sousa Sepúlveda. O militar passou por inúmeros infortúnios, dentre eles ver sua esposa ser abusada e despida por outros homens, ter seus filhos mortos por afogamento ou de fome. O casal é capturado por índios, e depois de passarem por tantas desgraças, o fidalgo e sua esposa não conseguem escapar da morte. O relato sobre o infortúnio martírio de Manuel de Souza Sepúlveda é considerada uma entre o narrativo trágico marítimas mais lida. Esse episódio pode ser observado nas palavras de Camões em:

Outro também virá de honrada fama,
Liberal, cavaleiro, enamorado,
E consigo trará a fermosa dama
Que Amor por grão mercê lhe terá dado.



Vol. 22, nº 1 (2022)

Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que, duro e irado,
Os deixará dum cru naufrágio vivos,
Pera verem trabalhos excessivos.
(CAMÕES, 2012, p. 141).

Em meio à fala do gigante Adamastor, Vasco da Gama o interrompe argumentando-o querendo saber quem ele era, e se ele representava o Cabo da Boa Esperança (ou Cabo das Tormentas). Tal argumento dá o direito de o gigante desabafar sua trágica história, desilusão e desventura amorosa. Adamastor também relata o que recebeu como castigo depois de vencer os Titãs, seus irmãos. Nas palavras de Ribeiro e Souza (2017, p. 12), o gigante Adamastor, “fora metamorfoseado, tendo sua carne sido transformada em terra, e os ossos em penedos. Logo, rompe em prantos e some. Vasco da Gama solicita a Deus que não permita que tais profecias se realizem”.

Considerações Finais

Transitando entre o aspecto histórico, cultural e literário, a obra *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões continua sendo uma importante fonte de estudos e leitura para leitores de idades distintas, sobretudo para aquele que se dedicam às áreas de Letras, História e Artes. Por meio de *Os Lusíadas*, o leitor tem a oportunidade de conhecer a história de Portugal e suas transformações econômicas. Embora a epopeia camoniana tenha sofrido influências da cultura greco-romana, a obra não deixa de narrar a cultura e a história do povo lusitano. A inspiração na cultura clássica, traço cultural do renascimento, que torna a obra em questão ainda mais instigante e marcante. Por meio de *Os Lusíadas*, Camões nos mostra que ele era um exímio conhecedor e apreciador da história de seu país, ademais da cultura clássica



Greco-romana. A erudição e requinte camoniano se revelam por meio de sua epopeia cheia de traços marcantes. O conhecimento histórico com que constrói sua obra em questão possibilita ao leitor uma viagem na leitura literária e informações históricas.

O conhecimento expresso em *Os Lusíadas* nos possibilita compreender historicamente questões do imaginário europeu e os limites do povo lusitano por acreditar que o mar reservava muitos perigos e feras fantásticas. A obra também nos mostra como os lusitanos foram aos poucos vencendo seus medos e passaram a se lançar ao mar em busca de muitas riquezas para a coroa portuguesa. É neste período que o comércio ultramarino passa a fazer parte de forma imprescindível da cultura portuguesa. Com relação à expansão marítima, Camões também nos mostra que isso custou caro para muitas famílias que perderam entes queridos. Foram muitas tragédias, muitas mortes, e muitas perdas. Ainda que a cobiça e a ganância por riqueza tenham feito muitos mortos, o país lucrou muito com o comércio. Portugal tornou-se muito rica por causa das transações econômicas ultramarinas, mas também por ocasião da expansão marítima.

Referências

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. 3 ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

IANNONE, Carlos Alberto; GOBBI, Márcia Valéria Zamboni; JUNQUEIRA, Renata Soares. (Orgs.). *Sobre as naus da iniciação: estudos portugueses de literatura e história*. São Paulo: UNESP, 1998.

MOISES, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. 37 ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

MOISES, Massaud. *A Literatura Portuguesa através dos textos*. 33 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.



Vol. 22, nº 1 (2022)

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Braga: Angelus Novus, 1994.

RIBEIRO, M. L. M.; SOARES, D. A. *Os Lusíadas*: A mentalidade europeia sobre as navegações do Novo Mundo e a História Tragico Marítima. XXI Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Cadernos do CNLF - Textos completos. Rio de Janeiro: CICEFIL, v. XXI. p. 1134-1145, 2017.

SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. 17 ed. Porto: Porto Editora, 2010.

TEIXEIRA, Ivan. *Os Lusíadas*: episódios. 2 ed. São Paulo: Ateliê, 2001.